

O MUSEU DA PESSOA E A EDUCAÇÃO MUSEAL ONLINE: PRODUÇÃO DE NARRATIVAS EM SALA DE AULA

João Henrique Inácio Corrêa¹

1) Introdução

“Nossa, professor, antes da pandemia viajavamos tanto... você levava a gente aos museus, a gente adorava os passeios. Agora não fazemos mais isso...”. Temendo a peste, nos aprisionamos em nossos lares. O ano de 2020 foi de total isolamento devido à pandemia COVID-19. Já em 2021, com o avanço da vacinação, algumas das recomendações outrora drásticas se flexibilizaram. As aulas, por exemplo, principalmente em escolas privadas, puderam retornar sob a modalidade “híbrida”: alguns alunos em casa assistindo aula remota, outros em sala de aula, acompanhando presencialmente. Contudo, o espaço físico da sala de aula ainda era o único em que decorriam as exposições, correções de exercícios e trocas de ideias. Enquanto educador, antes da pandemia, viagens e passeios técnicos sempre fizeram parte do meu cronograma de aulas. Sair da sala, experimentar lugares, expandir horizontes, ver, tocar, ouvir e sentir histórias são pressupostos cruciais da educação significativa, que percebo caríssimos para o ensino de História. Estando em “regime semiaberto”, o único espaço que nos restou (e resta) foi (e continua sendo) o cibernético.

Não há, porém, o que temer: navegar pela rede também é uma viagem. Há, da mesma forma, lugares e histórias que podem ser conhecidos com clicks ou toques. O Museu da Pessoa, por exemplo, é um desses ciberespaços. Analisar histórias de vida, relatos orais, depoimentos e memórias de pessoas como nós, trazem à História emoções. Com emoções, até as neurociências explicam, o aprendizado se torna mais eficaz.

O Museu da Pessoa é revolucionário! Segundo a estudiosa Rosana Miziara, ele proporciona a quem visita suas exposições o direito à memória, o acesso ao passado de sujeitos comuns, vinculado em relatos breves, com linguagem clara e inteligível. A instituição, conforme interpreta Miziara, rompe paradigmas antigos, estabelece um hiato

¹ Professor de História e mestrando no Programa de Pós-graduação em educação da Universidade Federal de São João del-Rei (PPEdu-UFSJ), orientando da Profa. Dra. Christianni Cardoso Morais.

com a ideia de museus enquanto locais vinculados ao Estado, enaltecendo a classe dominante, ou ainda como espaços em que existem uma série de artefatos acumulados.

Todos nós somos o Museu da Pessoa. Ainda na percepção de Miziara, o museu, com todo seu arcabouço de práticas e mediações, permite-nos refletir: “que museu podemos e queremos ser e de que maneira podemos atuar a partir desse entendimento” (MIZIARA, 2016, p.33). O público, pois, não é só expectador, ele participa e colabora com o acervo do museu. São as pessoas que dimensionam presente, passado e futuro, trazendo suas vivências expressas em narrativas. “Um museu tem que conter muitos museus, que devem sair da metalinguagem da arte, sair de suas próprias coleções, e transformar-se em uma renovada vocação social. A tarefa de um museu é construir com as comunidades um relato que lhes é próprio, que interpele o relato oficial da História” (MIZIARA, 2016, p.235).

Além disso, o fato de a instituição manter todas suas exposições online, faz com que ocorra certa democratização relacionada às narrativas de vida ali publicadas. Assim, visitar o museu é experimentar um espaço de constantes diálogos em que nós somos considerados, para Miziara, atores culturais.

“Fundado em 1991, o Museu da Pessoa acredita que contar, escutar, conhecer e preservar histórias de vida pode mudar seu jeito de ver o mundo.” (www.museudapessoa.org. Grifo nosso). A História do Museu da Pessoa é algo que merece destaque neste texto. No início da década de noventa, quando o museu de Imagem e Som de São Paulo organizou uma exposição sobre a Imigração de Judeus para o estado, surgiu o embrião que engajou a criação do Museu da Pessoa como um potente espaço catalizador de legados. Os verbos no infinitivo acima destacados por nós são os bastiões seguidos por quem colabora e organiza o acervo e as exposições do museu. Se aprofundarmos mais as reflexões sobre estes verbos, como fez Miziara, poderemos compreender, ontologicamente falando, a natureza do museu: a de promover a diversidade cultural. Neste sentido, as narrativas de vida encontradas por lá, ao mesmo tempo em que atestam sua diferença com relação à cultura hegemônica, também se moldam construindo identidades dos sujeitos que as materializam e as ouvem. Portanto, cada um que narra se sente autor e patrimônio vivo de sua história. Parafraseando a Karen Woreman (2006, p.10),

podemos vislumbrar um futuro em que narrativa histórica da sociedade possa conter múltiplas ‘vozes’ (...) incluindo, sem hierarquia, histórias de vida de

indivíduos de todos os seguimentos da sociedade e onde a história de cada um será o ponto de nossa teia social (apud MIZIARA, 2016, p.239)

A pesquisadora Débora Cristine Rocha, num artigo publicado em 2004, fez considerações relevantes a respeito das histórias de vida em forma de relatos orais apresentadas pelo Museu da Pessoa. Para a estudiosa, o museu contribui para a formação da memória coletiva e da percepção dos sujeitos também como sujeitos coletivos por meio de memórias, inicialmente, de ordem individual. Assim, é possível que, ao aventurarmos nos depoimentos no acervo da instituição obteremos “o panorama de uma época” (ROCHA, 2004, p.01).

Entretanto, Rocha nos chama atenção para uma situação recorrente do ato de trazer à tona as lembranças. A pesquisadora observou que as histórias genealógicas, que versavam sobre as famílias, em especial pais e mães, traziam sempre consigo um viés enaltecido dessas pessoas. Estabelecendo comparações com os *griots* africanos (cantigas que narravam a trajetória épica dos ícones de um povo, sendo eles reis ou imperadores), a estudiosa diz: “Os pais e as mães são apresentados pelos narradores como autores de grandes feitos (...) [Eles] ganham nova dimensão e suas [ações] são tidas como façanhas do porte de atos de bravura de afamados heróis do passado” (ROCHA, 2004, p.03).

Do mesmo modo, quando analisou os depoimentos de imigrantes que vieram ao Brasil e que também estão disponíveis no museu, Rocha percebeu que as narrativas enalteciam, gloriosamente, os expatriados. Segundo ela, tais histórias ganharam, por parte dos sujeitos que as relatavam, a conotação de “aventuras tão grandes como a travessia de todo um oceano” (ROCHA, 2004, p.04). Por isso, é possível inferir, de acordo com a autora, que um traço da memória oral e das narrativas de vida, seria a romantização do passado.

Porém, pelo fato de tornar tantas narrativas expostas, uma das peculiaridades do Museu da Pessoa, em ambiente virtual, é sua atuação no sentido de impedir que a tradição oral seja destruída, ao contrário do que por tantas vezes estudiosos presumiram. Rocha explica que o que chamamos de tradição oral é antes de tudo algo ligado à materialidade (som) e também à vocalidade (historicidade). Ou seja, toda narrativa, além de ser objetificada pela fala, exprime também referências relativas à experiência vivida. Em seus dizeres, “sob a forma de relatos de vida, a atualização da tradição oral como acervo digital funciona a partir da recuperação da memória de uma cultura no interior de outra” (ROCHA, 2004, p.09). Trocando em miúdos, a memória se desdobra para o múltiplo,

quando relatada, registrada, arquivada e exposta em plataformas como a do Museu da Pessoa.

Em rede e na rede, as conexões não param. As narrativas de muitas pessoas se cruzam, se reinventam, se resignificam, estabelecem vínculos. Por mais que os depoimentos sejam supostamente individuais, “as possibilidades de nós ecoam (...) são zonas de encontro dos fios da tessitura da rede enquanto tecido”(ROCHA, 2004, p.12).

À vista disso, Rocha observa para que os relatos sejam compreendidos em seu tempo e em consonância quem os narra. É importante “redimensionar temporalidades”. Sendo assim, cabe ao visitante do museu, compreender os depoimentos a partir de uma perspectiva holística, de forma que as vivências ali trazidas sejam corretamente temporalizadas e não tomadas como verdade absoluta.

2) Educação Museal Online: perspectivas de trabalho

No início deste texto, ressaltar a fala de uma estudante, que no decorrer deste período de “ensino híbrido” me inquietou. Percebendo sua angústia, fui levado a pensar: como possibilitar aos estudantes uma experiência museológica significativa em tempos de tantas restrições sanitárias? Fui pesquisar então sobre educação museal online. A respeito das minhas considerações sobre o tema, agora disserto.

O artigo de Frieda Marti e Edméia Santos, publicado na Revista Docência e Cibercultura, traz luz para que possamos compreender como os museus online são constituídos e quais os potenciais de uso destes espaços que nós, professores, somos capazes de trabalhar em sala de aula. Para tanto, compreender o que as autoras chamam de Tecnologias Digitais em Rede é fundamental.

As TDR são, em suma, os hipertextos, hiperlinks e hiper mídias, que favorecem a interação entre o expectador dos museus online com diversas formas de linguagem manifestadas numa mesma exposição. Assim, diante de tantas conexões, o indivíduo que acessa um museu online teria certa autonomia ao passo que poderia selecionar aquilo que vê, de forma que o que é exposto possa ser manipulado levando em conta a personalidade e o estilo de aprendizagem do visitante. Tornando legítimas tais afirmações, as autoras dizem que “esse novo espaço conversacional, o ciberespaço, permite troca de informações, e diversos modos de comunicação, simultânea ou não, entre todos os usuários (um-um, um-todos, todos-todos)” (MARTI e SANTOS, 2019, p.44)

Os computadores foram implementados nos museus entre as décadas de sessenta e setenta com a intenção de servir aos setores internos e administrativos das instituições. Contudo, as autoras explicam que, com o advento da internet, do ciberespaço e da cibercultura, os museus precisaram se renovar, para que fossem alargadas as “oportunidades e comunicacionais e educacionais” (MARTI e SANTOS, 2019, p.49), diminuindo distâncias e democratizando o acesso a informações.

Ainda assim, só isso não bastaria. Os museus não poderiam, no ciberespaço, unicamente disponibilizar arquivos ou informações, mas viabilizar a interação de seus visitantes nas com as plataformas online. Ora, se o museu atualmente é definido como um lugar de sociabilidade e educação, há que ser transpassada essa ideia para formato digital.

Incentivar a participação do público, por meio da coautoria e cocuradoria, envolvendo os indivíduos nas práticas museais, é uma das formas de incentivar a integração de comunidades aos museus. Nessa toada, por exemplo, age o Museu da Pessoa.

E como fica a educação museal nessa perspectiva online? Citando vários estudiosos, Marti e Santos (2019, p.58) salientam que educação museal é toda prática que ocorre nos museus no sentido de estabelecer uma ligação entre o visitante o objeto musealizado, por meio de múltiplos estímulos que favoreçam a formação crítica e atuação social do expectador.

Dessarte, na visão das autoras, a educação museal online, deve incitar a interatividade entre os navegadores e as páginas da web de museus, com a intenção de fazer com que os interlocutores das mostras criem e recriem significados por meio de suas próprias trajetórias e “experiências vivenciadas no/com o museu” (MARTI e SANTOS, 2019, p.61).

3) Metodologia

Para o desenvolvimento deste trabalho escolhi a turma do segundo ano do ensino médio do Colégio Diamante-Carmo da Mata, educandário do sistema privado o qual exerço a docência desde 2017. Antes de mais nada, seguindo os pressupostos éticos, redigi uma carta de autorização, de modo que a escola desse o aval para a experiência e pudesse ter seu nome vinculado à publicação. Além disso, também foi confeccionada para

cada estudante uma circular de autorização, solicitando que tanto os adolescentes quanto seus responsáveis permitissem que os relatos escritos, a imagem, os áudios e os vídeos produzidos pelos estudantes fossem objetos de exposição e análise nesta pesquisa.

A turma possui sete alunos, sendo cinco mulheres e dois homens. A trajetória deles na escola iniciou-se desde o sexto ano do ensino fundamental e, desde então, nunca se separaram. Todos os adolescentes dessa sala, no ano de 2020, assistiram remotamente as aulas em função da pandemia. Isso indica que todos eles possuem celulares, tablets, notebooks e computadores que tornaram possíveis o acompanhamento das atividades propostas pela escola.

Em 2021, quando o Colégio Diamante retornou sua rotina pelo “formato híbrido”, os alunos dessa sala, da mesma forma, aderiram à nova proposta. Acontece que a escola, por meio de uma consulta feita aos pais e responsáveis destes estudantes, detectou um anseio geral pelo ao retorno das aulas presenciais para seus filhos, mesmo sem a vacina ainda disponível e ainda no contexto pandêmico. Sendo assim, a escola disponibilizou uma sala ampla e arejada para que ocorressem as aulas. Os alunos, no recinto, mantêm o distanciamento de 1,5m, trocam de máscara a cada duas aulas e passam álcool em gel nas mãos de cinquenta em cinquenta minutos. Os professores, por sua vez, agem da mesma maneira.

Feita essa breve contextualização a respeito da turma, é importante justificar o motivo que me levou a escolhê-los. No início do texto fiz menção à frase de uma aluna que sentia falta de nossas visitas técnicas. No caso, essa estudante pertence à turma escolhida. Resolvi eleger a turma dela pois de lá partiu essa questão que tanto mexeu comigo.

O primeiro passo desta pesquisa, tendo já recolhido todas as documentações de autorização, foi apresentar o Museu da Pessoa aos educandos. Comunicando com eles por meio do grupo de *whatsapp* da sala, o qual todos os professores fazem parte, solicitei que os adolescentes levassem para escola seus celulares e fones de ouvido, porque teríamos uma “aula diferente”, não necessariamente sobre o conteúdo do livro didático. Claro, a curiosidade mexeu com eles.

No dia seguinte, no momento da aula de História, pedi para que todos tomassem os celulares ou notebooks em mãos, mas que ainda não utilizassem. Fiz com os estudantes uma discussão em cima do conceito de museu. Perguntei à turma: “O que é um museu?”

Qual a finalidade de um museu? Quem trabalha nos museus? Quem são representados nos museus?”. À medida que eles me respondiam, na lousa, eu construía uma nuvem de palavras. Entre as ideias por eles expressadas, destaco: “museu é um lugar com um tanto de coisa antiga”, “museu é um lugar pra gente ir para aprender sobre tudo, não só sobre história”, “no museu a gente vai pra ver gente importante”, “local de trabalho dos historiadores”.

Tendo obtido essas respostas, problematizei juntamente com eles a ideia de museu. Expus que museu não é só lugar de “gente importante”, todo museu é espaço de aprendizagem, museus foram feitos para serem visitados e que museus não são só coleções. Para cada uma destas afirmações uma justificativa foi dada. Em seguida, disse a eles que iríamos visitar um museu. Logicamente eles deduziram que faríamos isso pelo celular ou computador.

Assim, fazendo uso da conexão wi-fi fornecida pela escola, os estudantes entraram no portal www.museudapessoa.org. Mediando a situação de visita online, mostrei para os educandos sítio em que estávamos. Logo, fomos às abas “quem somos” e “objetivos” do portal. Fizemos uma leitura dos textos disponibilizado pelos organizadores da plataforma, debatendo e interpretando parágrafo por parágrafo. Eles chegaram à conclusão, então, que o Museu da Pessoa era um lugar em que eram apresentadas histórias de vida de pessoas comuns. Histórias de todas as formas, porém de gente como a gente, fizeram com que os estudantes percebessem que museu não somente enaltece somente “heróis”.

Ainda nessa aula, já nos minutos finais, apresentei a eles uma das exposições em destaque “Histórias de superação”. O enredo da mostra tinha como tema as histórias de vida de pessoas que, mesmo no caos, viram esperança. De Ailton Krenak e Bartolomeu Campos de Queiroz, passando pela vida de empregadas domésticas negras: as histórias emocionaram os adolescentes. Como tarefa para casa, ficou para os estudantes a missão de visitar novamente o portal e ver o que tinha por lá.

Como as discussões continuariam em mais uma aula, reforcei o pedido de uso dos recursos tecnológicos. Assim, no segundo momento da oficina, deixei que cada aluno visitasse o portal sozinho e escolhesse uma exposição. Cada qual assistiu aquilo que quis. Tendo feito isso, os adolescentes compartilharam, numa roda de conversa, as histórias vinculadas às mostras que viram. Na sequência, a classe toda assistiu mais uma

exposição: “Amigos do Vlado”, sobre Vladimir Herzog, morto pela Ditadura civil-militar (1964-1985). O objetivo era conhecer a personagem para além da dimensão de sua morte reportada nos livros de História. Ao fim da aula, foi lançada a proposta: confeccionar narrativas de vida, com base em tudo aquilo que já tínhamos investigado no portal do museu. Para orientá-los sugeri que vissem o vídeo explicativo na aba “conte sua história”.

Chegando à terceira e última aula, os alunos trouxeram suas histórias. Quatro deles trouxeram relatos escritos, sendo que dois levaram fotografias; dois trouxeram vídeos, dois trouxeram áudios. Solicitei que, se eles se sentissem à vontade, pudessem compartilhar suas histórias com a turma. Ninguém demonstrou objeção. Em casa, com a presença do responsável, os secundaristas postaram suas histórias. Na manhã do outro dia, na aula, montamos um pequeno acervo de histórias na aba “monte sua coleção”. Neste momento, a fala de um aluno me afetou. “Parece que a gente tá montando uma capsula do tempo”, disse.

Dezesseis anos, mundo efêmero, pouca idade e muitas histórias. Analisaremos, à diante, os relatos produzidos pelos alunos.

4) Depoimentos

Das 07 narrativas produzidas pelos alunos, duas versavam sobre problemas de saúde física e mental e as outras cinco, abordavam histórias de família, sendo elas situações vividas pelo próprio narrador ou relatos sobre a vida de familiares, para os estudantes, importantes.

4.1) Saúde e superação

As histórias de vida que falaram sobre problemas de saúde (física e mental) traziam consigo o espectro da superação. Dessas histórias, uma no formato de vídeo e outra em texto, podemos observar trechos como "(...) senti um alívio muito grande, pois aquela dor irritante [apendicite] havia passado e fiquei bastante feliz, já que a cirurgia tinha sido um sucesso" e ainda "As vezes é necessário a gente sentir dificuldades [fazendo menção à depressão] para aprender coisas que outras situações a gente não aprenderia. " Tais afirmações vindas dos alunos tinham como objetivo dar força para pessoas que também passavam por momentos de turbulências e dificuldades. Possivelmente a inspiração deles veio da exposição “Relatos da Pandemia”, que se encontra no Museu da Pessoa.

4.2) Histórias de Família

Memórias envolvendo pais, avós e avôs, tios e primos, foram expressas nas narrativas sobre as famílias. Destas cinco histórias, três educandos ressaltaram a importância de avós já falecidos em suas trajetórias. A primeira delas ressalta: "Ao escrever sobre meu avô, percebo o quanto sua presença e existência foi, é e sempre será fundamental na construção do meu ser e ter a oportunidade de lembrar a sua grandiosidade". Já outra infere: "Ele [o avô] era uma pessoa maravilhosa, de coração bom, xingava na hora que tinha que xingar e por isso minha família é do jeito que é hoje, ninguém nunca ouviu alguém falar mal dele." Por fim, a última expressa: "meu avô que foi uma das pessoas em que mais me inspirei em toda a minha vida, ele era extremamente tranquilo e amava conversar (...)enfim ele era perfeito."

Por outro lado, as duas narrativas alternativas enfatizaram vivências infantis de tempos idos, ressaltando a presença de vários integrantes da família que ainda estão vivos. Uma aluna destacou: "Até meus 5 anos, quando minha irmã nasceu, minha mãe e meu pai trabalhavam o dia todo, e por isso eu ficava na casa de uma tia e um tio. Eu passei a chamar eles de Mãe e Pai porque eles cuidaram de mim dessa maneira." Outra estudante relatou: "Eu e meus 2 primos da minha idade ficávamos brincando o dia inteiro, fosse de guerreiros ou super heróis, brigando uns com os outros com cabos de vassouras, se escondendo em algum canto das casas no pique-esconde".

Ao olharmos de forma generalista para as narrativas, veremos que elas reconstróem o passado de maneira romântica e saudosa, enaltecendo os integrantes que compõe o grupo familiar. Além disso, essas recordações atestam a importância da família como a instituição social que prescinde as demais e projeta as primeiras memórias nos sujeitos.

5) Impactos

No final da oficina, foi aplicado um questionário, aos estudantes. Por meio de um formulário eletrônico, eles responderam três perguntas simples: 1- Qual sua percepção sobre "museus" antes desta oficina? 2-Como o museu da pessoa mudou sua visão sobre "museus"? 3-O que você achou mais interessante no museu da pessoa?

Em suma, antes da oficina, os adolescentes acreditavam que museu eram apenas "lugares fixos onde se guardavam resquícios da História", "era só coisa antiga", "espaços

que guardavam objetos de pessoas importantes". Depois da abordagem, os meninos e meninas do segundo ano modificaram suas concepções a respeito de um museu. Nas falas a seguir, é possível observar essa nuance: " (...) o museu é um lugar que não precisa ser físico, pode ser digital e que conta histórias diversas através de vários jeitos", "fez eu perceber que nós como pessoas também somos um museu", "tirou a concepção que eu tinha de o museu ter que conter apenas artes de indivíduos marcantes e conhecidos da História".

Desta forma, segundo os próprios estudantes, o Museu da pessoa teria impactado suas vidas ao fazê-los pensar "as formas diversas que existem para as pessoas expressarem as suas histórias" trazendo " histórias contadas de e por sujeitos sem grandes feitos históricos, mas que mesmo assim de extrema relevância", ou ainda "o fato dele ser online, tornando bem mais fácil o acesso."

6) Conclusão

As memórias trazem vida à História. Elas emanam emoções, nos fazem sentir e aprender. Ao encerrar este trabalho, não há como não se perceber comovido por ver adolescentes de 16 anos sensibilizados com seu patrimônio e percebendo que são sujeitos da História que desejam construir, muito além da História oficial. Sem sombra de dúvidas, as ideias vinculadas à educação museal online permitiram que operássemos a partir de uma metodologia significativa e interacionista, que desse voz aos estudantes enquanto visitantes do ciberespaço. No Museu da Pessoa e com o Museu da Pessoa, os alunos perceberam que museus são lugares para além do concreto. São ambientes de aprendizagem e interação físicos e online, que permitem que a cultura humana seja difundida de formas diversas. A experiência foi exitosa! Fizemos um passeio! Não pegamos um ônibus, usamos recursos digitais. Viajamos não pela estrada, mas pelo tempo. O tempo do outro e o nosso tempo. Analisamos narrativas. Histórias da vida gente como a gente. No curso de tantas conexões, as lágrimas, os risos, as indignações, as lutas e as glórias não passaram em liso. Somos História. Somos pessoas. Somos museu.

7) Referências Bibliográficas

MARTI, Frieda Maria. SANTOS, Edméia Oliveria. Educação museal online: a Educação Museal na/com a Cibercultura. Revista Docência e Cibercultura. Rio de Janeiro v. 3 n.2 p. 41 Maio/Agosto 2019. Disponível em: : <https://doi.org/10.12957/redoc.2019.44589>. Acesso em: 07/07/2021.

MIZIARA, Rosana. Experienciar museus: um olhar sobre o Museu da Pessoa. Revista do centro de pesquisa e formação / maio 2016. Disponível em: www.sescsp.org.br/revistacpf. Acesso em: 07/07/2021.

ROCHA, Débora Cristine. O Museu da Pessoa, a tradição oral como acervo digital. Trabalho apresentado ao NP 15 – Semiótica da Comunicação, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom. São Paulo, 2004.

www.mueseudapessoa.org